

# Não Somos Robôs: a Afetividade como Processo Pedagógico no Ensino Fundamental II Durante as Aulas Remotas

## *We Are not Robots: the Affectivity as a Pedagogical Process in Secondary Elementary School during Remote Classes*

ISSN 2177-8310  
DOI: 10.18264/eadf.v11i2.1306

**Hosana do Nascimento Ramôa<sup>1\*</sup>**  
**Liz Regina Silveira Barbosa<sup>2</sup>**  
**Suzane Moraes da Veiga Silveira<sup>3</sup>**

<sup>1\*</sup>Universidade Federal Fluminense  
- Rua Professor Marcos Valdemar  
Freitas Reis, s/n, São Domingos,  
Niterói, RJ, Brasil.

[hosana.nramoa@gmail.com](mailto:hosana.nramoa@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, Rio de Janeiro – RJ, RJ, Brasil.

<sup>3</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro - Av. Horácio Macedo, 2151 - Cidade Universitária (Fundão), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

### Resumo

O fenômeno tecnológico, em especial a inovação da internet, colocou em xeque o processo tradicional de ensino-aprendizagem, uma vez que a escola passou a ser apenas uma das formas de veiculação do conhecimento. Hoje, em especial depois da pandemia de Covid-19, a necessidade de se adequar ao ensino remoto apresenta-se como imperativa. Neste artigo, temos por objetivo refletir acerca da afetividade como processo pedagógico, abordando os desdobramentos do impacto das aulas remotas na relação professor/aluno. Como metodologia, utilizamos a entrevista semiestruturada para analisar o relato de três professoras que atuam nos anos finais do ensino fundamental no contexto da rede municipal do Rio de Janeiro. Como resultados, constatamos que as dificuldades com relação ao acesso à tecnologia e também o insuficiente letramento digital dos estudantes dificultam a proximidade entre docentes e discentes nas aulas remotas e, por consequência, o processo pedagógico imbuído de afetividade.

**Palavras-chave:** Tecnologia. Processo pedagógico. Relação professor/aluno. Ensino remoto. Afetividade



Recebido: 23/11/2020  
Aceito: 15/03/2021  
Publicado: 17/03/2021

### COMO CITAR ESTE ARTIGO

**ABNT:** RAMÔA, H. N.; BARBOSA, L. R. S.; SILVEIRA, S. M. V. Não Somos Robôs: a Afetividade como Processo Pedagógico no Ensino Fundamental II Durante as Aulas Remotas. **EaD em Foco**, v. 10, n. 2, e1306, 2020. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v11i2.1306>

## ***We Are not Robots: the Affectivity as a Pedagogical Process in Secondary Elementary School during Remote Classes***

### *Abstract*

*The technological phenomenon, especially the innovation of the internet, has put the traditional teaching-learning process in check, since the school has become just one of the ways of conveying knowledge. Today, especially after the Covid-19 pandemic, the need to adapt to remote learning is imperative. In this article, we intend to reflect on the affectivity as a pedagogical process, addressing the consequences of the impact of online classes on the teacher/student relationship. As methodology, we use semi-structured interviews to analyze the report of three teachers who work in the final years of elementary school in public schools in Rio de Janeiro. As a result, we found that the difficulties in relation to students' access to technology and also their insufficient digital literacy hinder the proximity between teachers and students in remote classes and, consequently, the pedagogical process imbued with affectivity.*

**Keywords:** *Technology. Pedagogical process. Student/teacher relationship. Remote learning. Affectivity*

## 1. Introdução

Ainda que essa modalidade de ensino [educação *online*] seja vista por muitos como uma ameaça aos afetos por conta do uso da máquina (...) Precisamos nos apropriar da tecnologia da informação como mediadora da Educação, significada a partir dos usos humanos (BAPTISTA E MARTINS, 2020, p. 03).

A sociedade contemporânea apresenta novas configurações para a difusão do conhecimento, impondo desafios significativos à educação, especialmente quando discutimos a relação entre a tecnologia e os processos de ensino e aprendizagem. Com o rápido desenvolvimento do mundo virtual e das ferramentas digitais, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) estão cada vez mais presentes em contextos educacionais, sejam eles formais sejam informais, por meio de plataformas de estudo e de comunidades *online*, criando redes de troca de saberes. A Educação a Distância, fomentada pelo avanço das tecnologias, se apresenta como um potente recurso para o desenvolvimento de novas relações entre ensino e aprendizagem, sendo esta uma modalidade de ensino que teria a capacidade de promover transformações importantes no campo da educação para atendimento de demandas sociais por maior interação e conectividade entre pessoas.

Com o distanciamento da sala de aula devido à pandemia de Covid-19 em 2020 no Brasil, a necessidade de um ensino remoto ganhou contornos dramáticos, obrigando professores a se adaptar a essa forma emergencial de ensino. Esse fato nos provoca a repensar os papéis de docentes e discentes diante da adaptação compulsória a novas práticas de ensino por meio da utilização de plataformas e ferramentas virtuais. Segundo Behar (2020), não podemos confundir EaD e ensino remoto, pois a Educação a Distância é uma modalidade educacional que possui uma concepção didático-pedagógico própria; já o “remoto”

está relacionado a um distanciamento geográfico, executado por meio de decreto devido ao impedimento de se frequentar as instituições de ensino.

Sendo assim, neste artigo, é nosso objetivo apresentar reflexões acerca das implicações do deslocamento espacial na relação entre professores e alunos. Partimos da hipótese de que a afetividade é utilizada como processo pedagógico pelos docentes, durante as aulas remotas, a fim de manter o vínculo educacional, por meio do qual os professores conseguem estabelecer uma aproximação com os estudantes, face aos desafios apresentados pelo ambiente virtual. Esse estudo é relevante porque aborda o impacto da mediação tecnológica na relação afetiva entre docentes e discentes, permitindo-nos compreender a visão das professoras entrevistadas sobre a sua prática com o ensino remoto emergencial e o seu entendimento da noção de afetividade. Para alcançar nosso objetivo, buscamos responder à pergunta-norteadora: qual é a importância da afetividade na relação das docentes com os educandos durante as aulas remotas?

## 2. Metodologia

Segundo Bogdan e Biklen (2010), uma entrevista seria um método utilizado para obter dados descritivos a partir da linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador interpretar uma ideia a respeito do modo como os sujeitos se colocam diante do mundo. Corroborando essa noção, Anderson e Kanuka (2003) identificam na entrevista uma forma de colher dados, por meio da comunicação significativa entre indivíduos.

Essa informação é pertinente, uma vez que evidencia os critérios utilizados para a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa: três professoras de escola pública do município do Rio de Janeiro, que lecionam para os anos finais de formação primária do ensino básico, do 6º ao 9º ano. Partindo dessa premissa, utilizamos a elaboração de um roteiro de entrevista semiestruturado, com perguntas previamente formuladas, sendo algumas mais subjetivas, para reflexão e dissertação da professora, e outras mais objetivas, a fim de formular um guia para a entrevista. Para cada bloco de duas perguntas, temos objetivos a serem alcançados, uma vez que as determinadas questões suscitam dados. A ideia central é a de que as professoras entrevistadas ficassem à vontade para compartilhar suas experiências e posicionamentos em torno da afetividade na relação professor/aluno já presente na sala de aula e na escola, bem como os contornos, fissuras, evoluções, rupturas e continuidades que a afetividade adquiriu com as mudanças pandêmicas decorrentes do ano de 2020.

As entrevistas, realizadas em ambiente virtual por meio de transmissão de vídeo “ao vivo”, ocorreram com o auxílio das plataformas Microsoft Teams e Google Meet, ferramentas síncronas<sup>1</sup>, sendo o áudio gravado e posteriormente transcrito. O tempo de duração dos encontros foi de 40 minutos com cada professora. Como nosso interesse é investigar a questão da afetividade nas aulas remotas, efetuamos um recorte nas transcrições, analisando trechos significativos para esse debate, em diálogo com autores que discutem a temática e a prática docente. Optamos por colocar somente a inicial do nome das educadoras, a fim de resguardar a privacidade dos relatos.

Para analisar os dados obtidos por meio das entrevistas, utilizamos uma abordagem qualitativa que, segundo Miriam Goldenberg (2004), atenta para particularidades de fenômenos sociais específicos que possuem um intrínseco e fundamental significado para o grupo a ser pesquisado. Além disso, conforme aponta Monteiro *et al.* (2014), a perspectiva qualitativa possibilita-nos um vislumbre dos múltiplos e diversos aspectos da realidade social, cultural e política, configurando “um mosaico de sentidos” (MONTEIRO *et al.*, 2014, p. 3012).

<sup>1</sup> As ferramentas síncronas possibilitam a comunicação em tempo real, enquanto as assíncronas são utilizadas quando não há a presença simultânea dos sujeitos.

**Quadro 1. Guião da entrevista semiestruturada**

Blocos	Objetivos para a análise de conteúdo	Questões orientadoras
<b>A</b> Relações afetivas professor-aluno e o que mudou com o ensino remoto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perscrutar o pensamento das professoras em relação ao próprio fazer pedagógico;</li> <li>- Entender como se dava a ligação afetiva entre professoras e alunos antes das aulas remotas;</li> <li>- Perceber o impacto da pandemia na relação professor-aluno.</li> </ul>	<p>1- Conte-nos sobre as mudanças que ocorreram em seu cotidiano como professora diante do distanciamento da sala de aula.</p> <p>2- Fale sobre sua relação com seus alunos antes do distanciamento e agora com a distância física.</p>
<b>B</b> A relação das professoras e dos alunos com a tecnologia enquanto mediadora de afetos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Investigar a percepção e a (não) valorização das professoras diante da EaD e do ensino remoto;</li> <li>- Examinar as possíveis implicações (positivas ou negativas) para a manutenção do vínculo afetivo entre professoras e alunos durante as aulas em contexto virtual.</li> </ul>	<p>3- Conte-nos como foi e como tem sido sua relação com a tecnologia enquanto mediadora da sua interação com os alunos.</p> <p>4 - Como você tem percebido a relação deles com a tecnologia e com as aulas?</p>
<b>C</b> A afetividade a partir do olhar docente	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Entender a visão das professoras sobre a afetividade enquanto fator determinante no engajamento dos alunos durante as aulas remotas;</li> <li>- Averiguar a importância que as professoras dão à afetividade na preparação e na condução de suas aulas;</li> <li>- Verificar a concepção de educação das professoras e se elas consideram a afetividade como estratégia pedagógica para tentar evitar a evasão dos alunos;</li> </ul>	<p>5 - Como você vê a importância da afetividade no ambiente virtual?</p> <p>6 - Você acha que a presença da afetividade durante as suas aulas é fator de motivação e/ ou engajamento dos alunos? Dê de 0 a 10 a nota que você daria para a importância da afetividade na suas aulas remotas?</p> <p>7 -Utilizar estratégias pedagógicas voltadas para a afetividade poderia ser uma forma de evitar a evasão dos alunos no ensino remoto? Por quê?</p>
<b>D</b> O processo pedagógico nos relatos de afetividade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar o discurso das docentes em relação à afetividade por meio do relato de episódios em que a questão afetiva esteve presente como elemento importante na relação professor-aluno.</li> </ul>	<p>8 - Conte uma ou mais situações de afetividade que você teve com os seus alunos durante as aulas remotas.</p>

### 3. Afetividade e ambiente virtual

Nesta pesquisa, as professoras entrevistadas são docentes que não trabalhavam com a EaD, mas que precisaram se adaptar ao ambiente virtual enquanto espaço de trabalho através do ensino emergencial. Sendo assim, seus olhares sobre essa experiência ainda em movimento constroem uma percepção ímpar acerca da associação entre afetividade e ambiente virtual na relação professora/alunos, desenhada entre idas e vindas de sua realidade presencial e aquela mediada por tecnologias.

Diante dessa composição, para embasar teoricamente a nossa análise, partimos da definição de Monteiro *et al.* (2014) sobre a afetividade no convívio educacional virtual, segundo a qual esta não pode ser entendida como sinônimo de “sentimento”, mas uma disposição de se colocar em estado de atenção continuada às peculiaridades dos alunos e aos sentidos do afeto no processo pedagógico. Os modos do afeto na condição de distanciamento físico levam à reflexão sobre as especificidades da afetividade no contexto virtual e suas diferenças com o formato presencial.

Corroborando a perspectiva de Monteiro *et al.* (2014) e tornando nossa compreensão sobre a afetividade mais aprofundada, encontramos fecundo diálogo com o trabalho de Duarte (2019), que também não simplifica a afetividade a sentimento, mas concebe-a de modo mais amplo como a habilidade de criar uma relação capaz de afetar o outro e ser afetado por ele, envolvendo, assim, a capacidade de ação e enxergando os indivíduos como ativos nessa “relação simbiótica” (DUARTE, 2019, p. 02).

Considerando que o ser humano é um ser social, Duarte (2019) defende que a afetividade é essencial no convívio dos sujeitos. Dessa forma, ao atentar para o ambiente virtual, a autora alega que a mais simples atitude do professor pode mudar a sua prática pedagógica, e mesmo sua relação com os estudantes. Assim, é preciso coesão, integração e, sobretudo, atenção aos princípios pedagógicos, para “transformar as ‘potências de ação e pensamento’ do aluno em estímulo, em afetividades profícuas” (DUARTE, 2019, p. 03).

Ao dar destaque aos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e, ao apontar a humanidade presente no relacionamento *online*, Duarte adverte que, mais do que investir em ferramentas tecnológicas, é necessário não perder de vista o imprescindível preparo de professores e demais profissionais para o uso dessas ferramentas - e gostaríamos de acrescentar que junto a esse preparo, é fundamental uma orientação dos estudantes e um acesso igualitário ao ambiente virtual.

Diante dessa visão ampla do conceito de afetividade que podemos vislumbrar a partir das contribuições de Monteiro *et al.* (2014) e Duarte (2019), com o qual acordamos, Baptista e Martins (2018) acrescentam que, por mais que um ensino *online* - seja ele na Modalidade EaD, seja no ensino remoto<sup>2</sup> - ocorra por meio do uso de um maquinário distante fisicamente da sala de aula e dos corpos de professores e alunos, ainda se configura como uma “relação essencialmente humana” (BAPTISTA & MARTINS, 2018, n.p.). E, por se tratar de uma relação humana, o ensino remoto deve envolver afetividade, aprendizagem significativa, construção de conhecimento e desenvolvimento de pensamento crítico.

## 4. Resultados e discussão

### 4.1. Ensino remoto: estranhamentos e afetividades

Os relatos das professoras entrevistadas, a seguir, versam sobre a realidade atípica do ano de 2020. Acreditamos que mais do que pontuar aspectos de suas vivências individuais, poderemos traçar uma compreensão mais ampla do cenário socioeducacional desse recorte temporal. Neste subtópico destacamos as falas das docentes que explicitam as alterações em seu cotidiano profissional e afetivo:

Bom, eu acho que, pra mim, mudou muito porque eu era muito próxima a eles, a gente, até porque eu gosto muito também de trabalhar com os adolescentes, então, a gente tinha muito isso de conversar, de trocar, de trocar o dia a dia. [...] eu perdi muito esse contato com eles que eu tinha no dia a dia, dessa minha proximidade. Hoje eu me vejo muito afastada dos meus alunos, entendeu? Perdi muito, muito mesmo essa proximidade.

O trecho acima é parte da entrevista com a professora E3. Nele, é relatada como a forma brusca da mudança do espaço físico para o virtual afetou a relação entre os sujeitos do processo educacional. O convívio do dia a dia e a “proximidade” construtores da afetividade entre a professora e os estudantes se

<sup>2</sup> A autoras Baptista e Martins (2018) tratam especificamente do tema da Educação a Distância (EaD) em sua conceituação de ensino *online*, que nós aplicamos para o estudo do ensino remoto.

<sup>3</sup> A entrevista com a professora E foi realizada no dia 24 de agosto de 2020.

perderam, e esta perda é uma das mais marcantes características do momento no tocante à educação. Junto ao distanciamento e ao esfriamento da convivência, temos a adaptação às aulas *online*.

É, primeiro que eu tive que me adaptar, assim, compulsoriamente às aulas *online* que era uma realidade que eu não tinha antes, nunca tinha dado aula por meio de plataforma, nem mesmo síncrona, como a gente tá aqui no Meet. Então, eu tive que aprender, fazer vários cursos, formações pra entender essa lógica da aula *online*, da aula remota, pra conseguir atender à demanda nova que surgiu pra gente se adaptar, teria que se adaptar, só que não é a mesma coisa, como eu tenho conversado com muitos professores, eu senti a mesma coisa, é, uma mudança pra pior porque muitos alunos se viram sem acesso à internet, sem poder acessar os conteúdos, sem conseguir compreender essa lógica, porque pros professores já foi difícil entender todo esse mecanismo de entrar na plataforma Teams, que é a plataforma que a gente usa, conseguir *e-mail* pra conseguir acessar a plataforma. Então você imagina, os professores que já tiveram inúmeros problemas para conseguir *e-mail*, senha, imagina os alunos?

O relato da professora S4 é bem elucidativo quanto ao primeiro contato com as aulas *online* e nos traz dois pontos importantes de reflexão. O primeiro diz respeito à continuidade do ano letivo e ao uso do ensino remoto, escolhas que em sua maioria não partiram dos professores da educação básica, mas que precisou de uma “adaptação” urgente, já que não fazia parte de sua rotina de trabalho, como aponta a docente. Isso demandou estudo para compreender as ferramentas específicas e a organização acadêmico-pedagógica, que, segundo Custódio *et al.* (2019), marcam a existência de conhecimentos, formação e legislação próprias à mediação tecnológica, mais especificamente a Educação a Distância.

O segundo ponto salienta as dificuldades enfrentadas por professores e alunos quanto ao acesso ao ambiente virtual, o que conversa com o relato da professora G5, a seguir.

Então eu tenho duas matrículas: uma no Estado e uma no Município. Os horários do Estado são pra serem cumpridos fielmente, por tempo de aula, como se fosse período normal. Já o município não. A gente foi orientado pra passar atividades complementares. Só que tanto como o município e o Estado, ou seja, mesmo a atividade sendo complementar ou a atividade sendo dita como letiva, como dia letivo com conteúdo novo, a gente faz com que essa mensagem chegue de alguma maneira aos alunos. Você programa uma aula, você planeja alguma coisa de atividade diferenciada ou não, a tradicional mesmo pensando naquele aluno que vai chegar até ele, como é que ele vai absorver aquele conteúdo, mais ou menos isso, e pra mim, tá sendo bem estressante, muito estressante mesmo esse período de aula remota porque qualquer atividade que eu prepare, eu percebo que atinge o mínimo do mínimo de alunos. Não chega nem a 10%, vamos dizer assim.

Segundo a professora G, mesmo que o ensino remoto seja abordado de maneiras diferentes, o que persiste é a frustração de não ter contato com os estudantes como antes. A professora S também explicita essa dificuldade: “Porque a gente prepara as atividades, coloca na plataforma, tenta alcançar esses alunos, mas o retorno que a gente tem é muito pequeno”. Sabemos, como expõe Duarte (2019), que a dis-

4 A entrevista com a professora S foi realizada no dia 07 de outubro de 2020.

5 A entrevista com a professora G foi realizada no dia 09 de setembro de 2020.

tância entre os discentes, seus professores e colegas de turma pode acarretar uma desmotivação, ainda mais se o aluno está acostumado ao ensino presencial, o que torna a afetividade um elemento ainda mais fundamental no contexto virtual. Todavia, o que nossas professoras indicam é que para além do distanciamento físico, a falta de acesso dos estudantes ao ambiente virtual tem sido um fator ainda mais marcante.

De acordo com Baptista e Martins (2018), mesmo em contexto educacional, as ferramentas tecnológicas não vão necessariamente ocasionar a interatividade e a participação dos discentes. No relato da professora E vemos a proximidade que ela construía cotidianamente com seus alunos ser solapada: “Hoje eu me vejo muito afastada dos meus alunos, entendeu?”. E essa percepção não é diferente do que apresenta a professora G: “Um distanciamento muito grande! Você na verdade não reconhece mais o seu aluno”. O que nos leva a concordar com o posicionamento da professora S: “Porque o distanciamento físico acarreta também um distanciamento afetivo”.

A realidade educacional foi tão afetada pela acelerada adesão ao ensino remoto que até mesmo a rotina da disciplina sofreu perdas, como alerta a professora E:

Eu acho que muda tudo, até pela minha matéria que é Educação Física, onde eu preciso muito do contato com os alunos então, assim, é muito trabalhar corpo, é muito trabalhar sentimentos, é muito trabalhar, é, todo o nosso conteúdo tem muito a ver com nosso dia a dia e com nossa proximidade. E isso, é, *online*, é, ah deu pra fazer? Deu, deu pra inventar jogos, deu pra eu trabalhar algumas coisas, só que é mais difícil, eu acho que a minha matéria acabou sendo muito pouca resposta porque esse distanciamento, eles não estão acostumados numa aula de Educação Física.

Somado ao ponto citado pela docente E acima, temos, ainda, a professora G questionando e indicando-nos que a modificação da rotina escolar chegou a afetar seu alunado: “O aluno não tem essa organização de espaço da atividade dele ali do cotidiano. Você não sabe se ele está tendo essa mesma organização remota, que precisa ter ainda mais, entendeu, como é que você pode ajudar esse aluno?”.

Por mais que concordemos com Duarte (2019) acerca da importância do professor no ambiente virtual, enquanto “o laço humano que o aluno estabelece em uma disciplina mediada por um computador” (DUARTE, 2019, p, 12), não podemos deixar de perceber que, para as docentes entrevistadas, é perceptível que seus esforços em dar continuidade às aulas remotas não têm conseguido enfrentar de modo satisfatório a fragmentação da afetividade e proximidade causada pela distância física e falta de contato com os alunos, somando-se a isso as mudanças na dinâmica de suas disciplinas e da rotina das aulas, bem como o estranhamento e a dificuldade de lidar com o aparato tecnológico.

## 4.2. Tecnologia: mediadora ou robotizadora?

Baptista e Martins (2020) apresentam uma visão otimista sobre a Educação a Distância como possibilitadora de troca de afetividade em contextos e ambientes virtuais de aprendizagem, uma vez que, segundo as autoras, o comportamento geracional atual das redes sociais e do permanente vínculo *online* em que “pessoas do mundo inteiro interagem, se relacionam, trocam informações, criam intimidades e laços afetivos sem nunca ter visto o interlocutor pessoalmente” (p. 02).

A importância das TICs também ganha relevo na Base Nacional Comum Curricular (2018), que contempla o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao uso crítico e responsável das tecnologias digitais tanto de forma transversal – entendida como tema de aulas – quanto de forma direcionada – tendo como finalidade o próprio uso das tecnologias, recursos e linguagens digitais –, ou seja,

para o desenvolvimento de competências de compreensão, uso e criação de TICs em diversas práticas sociais, como destaca a competência geral 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 09).

Entretanto, se na teoria a validade da tecnologia como mediadora da relação professor/aluno e geradora de afetos é positiva, como ela está acontecendo na prática, nesse momento de ensino remoto emergencial? A análise das entrevistas revela um ponto crítico que questiona a premissa anterior: o insuficiente letramento digital da maioria dos alunos de escola pública.

A professora E valoriza o uso das TICs no ensino remoto, porém aponta que a falta de acesso dos alunos às ferramentas digitais apresenta um impedimento para a compreensão da própria tecnologia que não chega de maneira satisfatória às escolas. Isso gera um déficit enorme para os estudantes, que não conseguem acompanhar as atualizações e inovações tecnológicas, agora aplicadas à educação por conta das aulas virtuais, pois não participavam dessa esfera da cultura digital.

Eu fico brincando que até o Google Drive que eu não utilizava, agora tá cheio, meu Google Drive tá todo separado por pastas. Diários *online* que a gente não tinha e essa agora de tá fazendo, e a gente agora tá fazendo, então, assim, foi uma maneira de sacudir sim, a gente ver que a tecnologia pode ajudar muito a gente, só que demonstra como a gente ainda tem uma barreira enorme porque eles não têm acesso a essa internet, se a gente às vezes tem dificuldade, imagina eles, então assim, eu acho que ao mesmo tempo que foram ferramentas maravilhosas, são ferramentas que precisavam também, essa internet ser pensada como vai chegar na escola depois, porque não é uma ferramenta só pra pandemia, é uma ferramenta que eles precisavam ter acesso.

A docente S também analisa que a dificuldade gerada pelo pouco conhecimento dos alunos (muitos desconhecem até mesmo o uso do *e-mail*) sobre as plataformas virtuais (Teams), que, por sua vez, têm uma linguagem extremamente técnica, acaba por afastar ainda mais os educandos. Os docentes, na busca de obter contato com os estudantes, recorrem às redes sociais e a aplicativos informais, destoando de alguns padrões antes seguidos pela instituição escolar, que foram modificados durante as aulas remotas:

A gente tem feito é tentar buscar várias formas de contato pelo Teams que é menos acessado e pelo WhatsApp a gente tem tentado pegar que é engraçado que agora é uma demanda pelo WhatsApp dos alunos antigamente era o contrário, era até meio que entre aspas proibido ter grupo em WhatsApp, Facebook, a diretora até não proibia, mas desestimulava esse tipo de ação.

Todo esse distanciamento entre professores e alunos por conta da falta de acesso à internet ou ao desconhecimento sobre a utilização de ferramentas digitais ocasiona, para a professora G, uma perda afetiva irreparável, haja vista o grande número de estudantes evadidos das aulas, o que, certamente, impactará o ano letivo de 2021. Pelos motivos citados, a docente G enxerga a tecnologia não como agregadora, mas

dificultadora do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que não alcança todos os discentes. Assim, uma educação sem afeto é uma educação robótica.

Então eu percebo que, por exemplo: eu tenho alunos que são muito bons e eu não consigo atingir esses alunos muito bons porque eu já sei que eles são bons por causa do oitavo ano, eu não atinjo eles. Eles não tiram dúvidas, eles não me procuram, eles não entram na plataforma

Outro ponto é o ambiente em que os alunos estão em suas casas, em que, muitas vezes, não conseguem um espaço silencioso e tranquilo para estudar e acompanhar as aulas, ou só existe um único celular compartilhado por todos, como vemos no relato da professora E: “eu sei a dificuldade, a gente mesmo hoje viu o Guilherme tem dificuldade lá, ele só tá no celular, aí mostra a mãe, é mãe participando ao mesmo tempo, é cachorro que tá latindo, é o outro irmão tá do lado ali”.

### 4.3. Afetividade pelo olhar docente

A importância da afetividade ficou patente nas três entrevistas realizadas, contudo, as professoras entendem a mediação tecnológica de modo diferente, vejamos a posição de cada uma, começando com um trecho do relato da professora G:

Esses cinco que eu falei são cinco de setenta, porque são duas turmas de trinta e oito alunos e só aparece cinco. Então eu fico assim, eu estou atingindo esse aluno? Estou atingindo só os cinco. É muito importante o lado afetivo, emocional, só que você só, você só atinge primeiro se você tiver essas aulas síncronas, porque, você vê o seu aluno. [...] Agora, por exemplo, eu não tenho nenhuma relação afetiva com essas seis turmas que estão longe e com nenhum dos meus outros sessenta e cinco alunos do primeiro ano que não assistem a minha aula. Entendeu? Que relação afetiva que eu tenho com eles? Nenhuma! Alguns simplesmente postam com a atividade vazia, por exemplo! Várias.

A professora G não vê o contato por meio da tecnologia como afetivo, porque os alunos não têm acesso e encontram nisso uma barreira em estar presente em suas aulas. Entretanto, ao longo da entrevista a afetividade é percebida pela docente como algo importante, sendo destacada a relevância de estar sincronamente em contato com o estudante.

Tanto a professora G como a professora S apontam em suas falas a barreira tecnológica para a afetividade no ensino remoto. A docente S, em sua entrevista, compreende a afetividade como o item mais importante de suas aulas remotas, visto que a difusão da internet e aparelhos tecnológicos, que estão fora de seu alcance, são elementos que distanciam os alunos de suas aulas: “É, a afetividade é o item mais importante, porque a gente já tem vários impedimentos: a questão da internet, do computador.”. Um ponto destacado pela professora S é a afetividade como fator motivador para a permanência do aluno nas aulas: “(...) se o aluno não quiser, ele não entra, porque, já tem várias dificuldades, várias barreiras, então, se ele não tiver uma motivação para fazer e não ver sentido naquilo que está sendo feito ali já é mais um motivo para ele não estar presente na aula (...)”.

Ao compreender a importância do conteúdo fazer sentido para o aluno e como a afetividade pode ter impacto nesse processo, a professora S enfatiza, em um dos trechos da entrevista, suas reflexões e concepções sobre educação, na tentativa de fazê-la mais humana:

Porque eu sou professora de escola pública e eu tenho refletido bastante sobre como que a gente produz uma educação que seja mais humanitária, mais significativa mesmo. Eu acho que a distância é difícil, por isso que é engraçado que a EaD ou o ensino remoto agora lida com esses mecanismos que antigamente eram mais usados no ambiente profissional, para você fazer um curso, para você fazer uma capacitação, então, não tem problema ser frio, a afetividade não está ligada a esse tipo de ensino, agora, quando você está no ensino básico, quando você está lidando com um processo que é longo de formação que a gente entende a educação como formação para a cidadania, como capacitação para a vida, como leitura de mundo, então, é muito mais amplo do que esse ensino como está sendo feito agora, não abarca.

Refletindo sobre o caráter instrutivo da EaD em contraposição ao que se espera de uma educação no Ensino Básico, a professora chama nossa atenção para quantos objetivos podemos perder com o advento do ensino remoto, como: cidadania, leitura de mundo e capacitação para vida. Outra reflexão feita pela docente S é como a tecnologia, segundo a professora, é fria e pode impactar a relação com seus alunos: “eu tenho pensado muito sobre isso também, esse distanciamento físico também gera um distanciamento afetivo, como que a tecnologia, essa relação é fria”.

A professora E, reconhecendo a importância da afetividade, alega que, com o distanciamento físico do colégio, ocorreu uma perda para disciplina que leciona, pois, segundo ela, a Educação Física tem o papel fundamental no controle dos instintos, no trabalho em equipe e na cooperação, algo que se perde com as aulas remotas:

Eu acho que a gente aprende muito isso na Educação Física, de controlar, sabe, aquele instinto que a gente tem vontade de “ah não quer fazer como eu quero, também não vou jogar mais”, sabe a bola é minha e o campo é meu e é tudo meu. Então, eu tento trazer isso muito nas minhas aulas, entendeu, e isso eu perco muito, muito, muito.

Sobre a importância da afetividade, a nota dada pelas três professoras foi 10. Entretanto, o fragmento da fala da professora G aponta que uma boa conexão é fundamental para que a afetividade ocorra: “Dez! É muito importante, eu acho muito importante, mas eu não acho que é só isso, né, porque o aluno tem que ter uma boa internet.”. A professora G também destaca que a falta de equipamentos gera um maior distanciamento entre professor e aluno nas aulas remotas: “acontece muito de ele não estar podendo falar porque o fone está ruim ou uma coisa no celular está ruim, porque não está saindo o som, eu percebo que esse aluno ele fica mais distanciado, né?”.

Em relação à presença da afetividade nas aulas remotas, a professora S elucida que faz o planejamento de suas aulas visando entender os anseios, medos e incertezas de seus alunos nesse momento de pandemia:

Eu já tenho planejado visando atender a essa demanda, das emoções, dos sentimentos, de como lidar com essa ansiedade, com esse distanciamento, então, eu já planejo as atividades tendo em conta isso em vista, não tem como a gente negar tudo isso que está acontecendo e vou dar aula de verbos, não tem como! Se já não tinha antes no ensino presencial que a gente já fazia isso, sei lá 40% da aula perguntando como que o aluno está em casa e que às vezes tem tiroteio, que às vezes não dormiu bem e é isso né, entre isso tudo a gente tenta trabalhar o conteúdo, então, eu já tenho visto essa questão da afetividade como uma espécie de item dentro da minha disciplina.

A afetividade é considerada um elemento já incluso nas aulas da professora S, mas, para a docente, ela sozinha não consegue evitar a evasão no ensino remoto: “Eu acho que sim, é uma forma de evitar a evasão, porém, numa realidade em que os alunos tenham acesso à internet”. De modo semelhante, a professora E, argumenta que a afetividade não é um elemento capaz de evitar a evasão no momento de pandemia, e alguns dos empecilhos são justamente os aplicativos utilizados como, por exemplo, o Kahoot que oferece uma barreira de idioma: “a gente vai ter uma grande evasão escolar porque nós excluímos esses alunos que não estão conseguindo, quando eles não entendem, as ferramentas vêm em inglês, esse meu Kahoot, ele é todo em inglês”.

A burocracia é algo apontado pela professora G como um impedimento para que a afetividade seja um elemento que evite a evasão escolar: “Eu acho que sim, se dentro do sistema remoto, a gente poder ser realmente afetivo se deixarem a gente ser”. Mesmo com todo o sistema burocrático a professora G mantém um olhar atento e afetuoso sobre as dificuldades enfrentadas por seus alunos: “Aí eu fui falei: ‘não tem problema, eu vou pegar todas as outras atividades, vou ampliar o prazo de entrega, não vou postar mais nenhuma, mas eu preciso que vocês vão tirando dúvidas a cada semana”.

#### 4.4. O processo pedagógico nos relatos de afetividade

Nossas três professoras entrevistadas apresentaram experiências de afetividade durante o ensino remoto, cada uma de uma forma diferente, o que nos permite perceber que a afetividade pode surgir em momentos e atividades diversas, por meio da resposta às dúvidas dos alunos rapidamente e da leitura atenta dos trabalhos, conforme argumenta Monteiro *et al* (2014) sobre as manifestações de afetividade no espaço virtual.

Para a professora E, foi na construção de um objeto durante suas aulas remotas que se perceberam os relatos de afetividade: “quando eles me mandam fotos, quando eles construíram alguma coisa, por exemplo, a peteca, eles me mandaram fotos”. Em outro trecho, a docente afirma que, para ela, são nos bilhetes e recados afetuosos que a afetividade está: “ele fala assim: ‘você viu que tem coração, tia? Foi pensando em você’; aí tem os desenhos de coração (...) eu mandei fazer a pesquisa, aí eles mandam a pesquisa e no final ‘amo você”.

Os recados afetuosos também são entendidos como forma de afetividade para a professora G: “Essa situação que eu te falei da menina me tocou muito, dela ter falado que estava preocupada comigo”. Em sua fala a docente também analisa que a afetividade está no se fazer presente e ouvir os relatos e entender seus alunos: “uma outra relação também uma aluna tendo que assistir aula amamentando a filha dela, aquilo ali me chocou e ela me explicando, porque, ela não estava conseguindo fazer tantas vezes ela tinha que ficar em casa e ficando em casa ela tem que olhar a filha dela”.

Segundo Hooks (2013) *apud* Baptista e Martins (2018), a afetividade pode ser um elemento que motiva a aprendizagem, proporcionando elos de confiança. Esse vínculo professor/aluno permite que o educando se sinta seguro para falar sobre seus medos, dúvidas, vivências, contribuindo para uma aprendizagem significativa.

Esses pontos foram percebidos ao longo da atividade feita na ferramenta Mentimeter nas aulas da professora S, em que “cada aluno tem que escrever três palavras que representavam três sentimentos que eles estavam sentindo nessa pandemia, neste período de distanciamento e aí nós escrevemos e gerou um mapa mental, aí dentre as palavras tinham: tristeza, solidão, ansiedade, tédio...”. Diante da atividade, a professora destacou uma situação em especial envolvendo a afetividade:

Cada aluno foi falando sobre, foi destrinchando esse sentimento, e aí um dos alunos começou a chorar durante a conversa, né, aí a gente percebe como essa relação está difícil para eles, a gente levou um susto, porque, não esperava que ele fosse chorar e ele chorou muito e a gente

perguntando e ele não sabia explicar o que que ele estava sentindo, mas a gente sabia que era essa saudade da escola e também a pressão dos pais, porque, como ele fica em casa, esse aluno tem um irmão mais novo que ele cuida ,tipo um segundo pai, acaba cuidando dele e não pode sair, enfim, se para a gente que é adulto, já está sendo super difícil lidar com ansiedade, lidar com enclausuramento, lidar com o afastamento, com o medo de ir à rua, imagina para as crianças que às vezes não consegue entender nem o porquê disso.

A docente S também destaca os elos afetivos criados não só por esse aluno, mas também por outros: “Muitos dos alunos também estão me relatando perdas de parentes, que morreram por causa da doença, então é um período bem difícil e a gente tem tentado se dedicar a conversar sobre emoções”. Os relatos apontados pela professora S, ratificam o pensamento de Baptista e Martins (2018) “Podemos deduzir que não há nenhuma conduta humana, por mais intelectual ou tecnológica que seja, que não passe por fatores afetivos” (p. 04).

A confiança também é apontada como relato de afetividade pela professora G. Ela explica que não somente o aluno compartilha suas angústias com ela, como também as mães: “É uma outra coisa assim também, quando eu estou fazendo as lives algumas mães veem falar comigo começam a falar comigo e aí desabafam, falam dessa coisa da escola estar fechada (...) então assim essa coisa afetiva até com a mãe de poder falar comigo né”.

O contato com as mães de alunos também foi relatado pela professora E, depois de uma atividade envolvendo cores, música e dança que a docente fez para seus alunos e postou no Youtube. Sobre o retorno das atividades ela relata: “então muitos conseguiram me mandar vídeo, aí disseram que a mãe também fez (...): ‘professora adorei, aqui tá todo mundo brincando com isso’, então tive algumas respostas, tem poucas, eu queria muito mais”. Por mais que o reconhecimento por parte dos pais dos alunos possa ser entendido como afetividade para a docente, a professora E destacou que gostaria de ter um retorno positivo maior: “eu tive algumas respostas, mas acho que tem a ver, que tá ligado com isso que a gente conversou da exclusão mesmo”.

A docente S destaca o entendimento de que a afetividade se estende também ao ser empática com seus colegas de profissão: “eu acho que a afetividade não só em relação aos alunos, mas em relação também aos colegas tentar compreender que é difícil, muitos professores, principalmente os mais antigos acabaram tendo que aprender tudo”. Para a professora S a afetividade já era algo importante que, agora, ganha ainda mais relevância. Finalizamos essa análise com a reflexão da docente:

A afetividade acabou se tornando o tema que já era importante, já era presente na escola até por uma demanda dos alunos agora então é e será o tópico principal da educação, não tem mais como a gente pensar em uma educação que não seja uma educação humanista, humanitária nesse sentido de pensar o aluno não só como aluno da escola, mas como cidadão pertencente ao contexto social muitas vezes de vulnerabilidade, então não tem como mais a gente pensar em uma educação que seja só currículo, só conteúdo.

## 5. Conclusões

Por meio das análises e resultados que provêm do estudo realizado, entendemos que a afetividade é vista, pelas docentes entrevistadas, como elemento importante para a manutenção do vínculo entre docentes e discentes nas aulas virtuais, o que responde à pergunta-norteadora inicial do artigo, confir-

mando a nossa hipótese de que a afetividade foi utilizada intencionalmente pelas professoras para tornar as relações com seus alunos significativas e motivadoras. Entretanto, a falta de acesso dos educandos à internet e seu escasso letramento digital dificultam a efetivação da tecnologia enquanto canal de interação e mediadora de afetos, no ensino remoto emergencial, inserida no contexto contemporâneo cada vez mais conectado via *web*.

A pertinência dessas conclusões remete ao estudo atual sobre o efeito da adaptação do ensino ao ambiente virtual devido ao distanciamento gerado pela pandemia, servindo de referência para pesquisadores de diferentes áreas da educação, sob uma perspectiva interdisciplinar, ao abordar diferentes campos da educação, como: tecnologias em educação, Educação a Distância, e ensino. Nosso trabalho dialoga ainda com os campos da história da educação, da sociologia da educação e currículo, impactando os estudos de formação inicial e continuada de professores, uma vez que fornece dados significativos para futuras pesquisas acadêmicas do presente momento de transição tecnológica vivida por instituições de ensino que, antes, funcionavam somente no modelo presencial e, agora, migram para o meio virtual ou híbrido.

O processo pedagógico, analisado por meio dos relatos das professoras E, G e S, evidencia como docentes e discentes em suas dinâmicas de interação ressignificam as ferramentas digitais, as quais possibilitam a comunicação, mas só se tornam relevantes quando perpassam a dimensão humano-afetiva. Sem ela, a tecnologia não passa de um contato robótico e artificial que não propicia a efetiva conexão entre professores e alunos, impactando negativamente na aprendizagem.

## Referências

- ANDERSON, T., KANUKA, H. **e-Research, Methods, Strategies and Issues**. USA: Person Education, 2003.
- BAPTISTA, A.; MARTINS, V. A afetividade na educação *online*: percursos e possibilidades. **EaD em foco**, v. 8 n. 1, 2018. Disponível em: [i:http://dx.doi.org/10.18264/eadf.v8i1.639](http://dx.doi.org/10.18264/eadf.v8i1.639). Acesso em: 12 jul. 2020.
- BEHAR, P. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Jornal da Universidade**, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/> Acesso em: 19 nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC; 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 30 out. 2020.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 2010.
- CUSTÓDIO, S.G. *et al.* O Papel do Tutor na Humanização da Aprendizagem na Educação a Distância. **EaD em Foco**, v.9, e767. 2019. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/767>. Acesso em: 27 out. 2020.
- DUARTE, E. Afetividade no Espaço-tempo Mediado por Tecnologias em EAD. **EaD em Foco**, 2019; 9(1): e796. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v9i1.796>. Disponível em: DUARTE, E. C. C. Afetividade no Espaço-tempo Mediado por Tecnologias em EAD. **EaD em Foco**, 2019; 9(1). Acesso em: 27 out. 2020.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. – 8a ed. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

MONTEIRO, A. F *et al.* A afetividade na relação tutor-aluno: o ensinar e o aprender na educação *online*. In: **Anais do XI Congresso Brasileiro de Educação a Distância**, ESUD Florianópolis/SC, 05-08 de agosto de 2014, p. 3002- 3015. Disponível em: <http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/128134.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.